



CIDADANIA NA ESCOLA: ENSINO APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO EXERCÍCIO DO DIREITO DE BRINCAR

Karla Paloma Silva Souza ¹
Melissa Lopes de Souza Araújo ²

RESUMO

A pesquisa Cidadania na Escola: Ensino Aprendizagem através do exercício do direito de brincar foi proposta pela disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica - PPP4 (Estágio no Ensino Fundamental) do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco, cujo objetivo se deu por meio da introdução da prática pedagógica nas séries iniciais do Ensino Fundamental I, explorando aspectos educacionais no âmbito das disciplinas de História e Língua Portuguesa. Através dessa interdisciplinaridade buscou-se refletir sobre a identidade social, na perspectiva de articulação com retomadas históricas que ressaltam a importância das conquistas de crianças e jovens perante as principais contribuições da legislação quanto à garantia de seus direitos, ressaltando dentre eles, o direito de brincar e de estudar em suas mais variadas possibilidades de aprendizagem junto ao exercício de cidadania.

Palavras-chave: Cidadania, Brincar, Direito, Aprendizagem, Ludicidade.

INTRODUÇÃO

Levando em consideração as crianças, Rusen (2011) afirma que estas são capazes de aprender história e contribuir com seus conhecimentos, argumentando e relacionando com fatos da sua vida prática. E, que ensinar história é se interessar pelos grupos humanos, visando às relações entre eles, com o meio ambiente, e colocando o aluno como sujeito histórico. Mas, nem sempre as seleções de conteúdos estão relacionadas a estas perspectivas trazidas pelo autor. É interessante pensarmos que a escola também é uma das responsáveis pelo incentivo do campo de fala dos alunos, gerando assim a criticidade deles. Dessa forma, através da disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica - PPP4 do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco desenvolvemos uma sequência didática para a realização das regências nas séries iniciais do Ensino Fundamental I, envolvendo as disciplinas de História e Língua Portuguesa. Nesta experiência pudemos acompanhar e analisar através de nossas práticas pedagógicas com

¹ Graduanda do Curso de **Pedagogia** da Universidade Federal - PE, karlapaloma8@gmail.com;

² Graduanda pelo Curso de **Pedagogia** da Universidade Federal - PE, melissa_lopesouza@hotmail.com;



a turma, seus diálogos e comparações resultantes das atividades, suas percepções sonoras e visuais, dentre outras que puderam refletir sua aprendizagem por meio das brincadeiras.

METODOLOGIA

Conforme classificado por Fonseca (2002), esse é um estudo de caso de caráter qualitativo, que buscou ter maior proximidade com os fenômenos estudados, que apresentaram várias fontes de dados, como as visitas de observação e intervenções nas regências em campo, junto à pesquisa documental através da consulta do PPP (Projeto Político Pedagógico) da instituição. Quanto à natureza, a pesquisa foi aplicada, de caráter explicativo, sendo apresentada como uma Pesquisa Participante, que tem o envolvimento do pesquisador com as pessoas investigadas, neste caso, na mediação com o acompanhamento de uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública localizada na cidade de Recife em Pernambuco.

REFERENCIAL TEÓRICO

- **A ORALIDADE E A ESCRITA NA ESCOLA**

Nas oralizações podemos perceber as Variações Linguísticas e as relações fala e escrita que proporcionam aos alunos a percepção das semelhanças entre gêneros orais e escritos, como as instruções de jogos escritos e as instruções orais de como jogar. Esses gêneros interferem na reflexão dos alunos e precisam estar inseridos em contextos significativos, conforme apresentado Sgarbi (2008) quando explica que é necessário: “Organizar ações que possibilitem aos alunos contato crítico reflexivo com os recursos discursivos e linguísticos e desenvolver o domínio das expressões oral e escrita em situações do uso público da linguagem levando em conta a situação da produção e material é função do professor.” (SGARBI, 2008, p. 171).

- **INTERDISCIPLINARIDADE NUMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Após o século XX, há no ensino da disciplina de história, uma inserção de temas como Mulheres, Crianças e Diversificação de religiões, proporcionando a articulação do conhecimento, competência e valores, para a atuação do aluno na transformação da sociedade. Pensando em ensinar história nas séries iniciais, Gevaerd (2009 apud CAINELLI, 2012, p.180) apresenta uma proposta de compreensão através da narrativa, podendo os alunos tratar de ideias mais abstratas, com suposições e crenças de sociedades



passadas, e o entendimento que os alunos são sujeitos no tempo, proporcionando uma recontagem da história, instigando a crítica e a dúvida sobre a causa, continuidade e mudanças na história.

- **LUCIDIDADE E APRENDIZAGEM PRESENTES NO BRINCAR**

Vasconcelos (2003) explica a estruturação da aprendizagem por meio do jogo através do imaginário-simbólico nos esquemas lúdicos, que assim construirá linguagens pertencentes à caracterização da cultura. Pacheco (1992, p.87 apud Vasconcelos, 2003, p.32) esclarece esse pensamento ao afirmar que: “Conhecer a criança é pensa-la não apenas numa perspectiva evolutiva e etária. Conhecer a criança é pensa-la num tempo e num espaço, interagindo dinamicamente, influenciando e sendo influenciada”.

- **PRATICANDO A INCLUSÃO ATRAVÉS DA CIDADANIA**

Calissi e Silveira (2012) explicam ser de responsabilidade da escola o ensino contextualizado dos seus conhecimentos ao trabalhar as diversas dimensões presentes no contexto sócio histórico do ser humano. Dentre essas, exemplifica os padrões consumistas e as tecnologias informacionais, que são aspectos que provocam impactos e repercussão sobre essa nova geração em processo formativo de conhecimento e valores. Assim, como há um esclarecimento de que o trabalho do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) não configura o papel do educador como um profissional jurídico, mas lhe capacita na dimensão educacional quanto ao desenvolvimento da cidadania, ao levar as informações dos direitos de seus alunos enquanto crianças e adolescentes, de modo que façam delas uma prática diária por meio da contextualização e mobilização do conhecimento, que incentivam e provocam mudanças atitudinais nas suas escolhas e vivências. Pois, ao conhecer o Estatuto, é possível diminuir as resistências e preconceitos, beneficiando a todos, tanto no espaço escolar, como fora dele. Sendo essa, a Convenção Internacional dos Direitos da criança aprovada no Congresso Nacional através do Decreto Legislativo nº 28, de 14 de setembro de 1990, na qual se inspirou a Lei Federal nº8.069/90 - ECA, objetivando ambas, a inclusão de crianças e adolescentes na órbita da cidadania, onde as pessoas são diferentes como indivíduos, mas são iguais em relação às leis fundamentais da sociedade. Destacamos nessa sequência didática o direito ao lazer e ao estudar, que fazem parte da essência de ser criança. Bassanozi (2012 apud Calissi e Silveira, 2012) trata a liberdade infanto-juvenil explicitada em diversas circunstâncias, dentre elas:

“d) direito à liberdade de brincar, praticar esportes e divertir-se.
Real manifestação da “meninice” onde o espírito infantil liberta



os devaneios da fantasia. Através do ócio criativo, a criança e o adolescente aprendem a interagir com seu próximo. As regras dos jogos, a energia à solta, a criação e o preparo lúdico de brinquedos, a capa e a espada, a panela de barro, a boneca de pano. Os esportes coletivos ajudam a desenvolver a ideia de coletivo e da solidariedade. O mundo da criança se constrói através do estado natural de ser feliz brincando.” (BASSANOZI 2012 apud Calissi e Silveira, 2012, p.113).

- **CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA**

Soares (2016) trata dos diferentes aspectos que envolvem a consciência fonológica, como a complexidade linguística, quanto ao segmento da fala, dentre elas as rimas e aliterações, a consciência silábica e o realismo nominal. “A criança revela consciência de rimas e aliterações antes de alcançar a consciência de sílabas; revela a consciência das sílabas antes de alcançar a consciência fonológica”. (SOARES, 2016, p. 170). Pode-se exemplificar a relação da aprendizagem com a brincadeira quando essa mesma autora defende que para um trabalho progressivo de alfabetização, a realização de atividades com rimas e aliterações, de natureza lúdica, “além de desenvolverem a consciência fonológica, podem também despertar a criança para a possibilidade de segmentação da cadeia sonora” (SOARES, 2016, p. 187).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Procedemos à realização da sequência didática através de dinâmicas que revelavam a abordagem em cada aula, como por exemplo, na primeira regência “Cultura do brincar em diferentes gerações” utilizamos a brincadeira “Caça ao Tesouro”, convidando a turma para embarcar numa aventura, cujo caminho explorava diversos países com curiosidades sobre suas práticas históricas do brincar, enfatizando algumas que se mantêm nos tempos atuais. A realização se deu através de um ambiente lúdico onde nos caracterizamos como piratas, sinalizamos os setores da escola para representarem os países com as curiosidades fixadas em suas portas, e distribuimos garrafas plásticas que continham um mapa com o caminho que deviam percorrer na direção do “baú do tesouro”. O grupo de crianças desenvolveu sua autonomia quanto ao interesse em buscar revelar as “pistas” durante sua leitura espontânea, mediada quando necessário. Ao final do percurso, na descoberta do baú, comemoraram sua conquista e se surpreenderam com a revelação de brinquedos como tesouro. Sendo esses, de diferentes



gerações, utilizados na atividade “Revele o Nome” em que os brinquedos retirados do baú foram distribuídos numa mesa junto com envelopes fechados que continham o nome correspondente a cada um dos brinquedos. Numa outra mesa foram distribuídas placas com os nomes (em caixa alta) desses brinquedos. As crianças faziam sua tentativa de associação da placa com o brinquedo, após esse momento, revelamos a palavra do envelope, comparando a correspondência feita, oralizando-as junto com elas. Vasconcelos (2003) apresenta o uso do jogo como meio de se chegar ao conhecimento, que pode ser observada na espontaneidade presente em sua realização, do qual a criança muitas vezes só percebe ao vivenciá-lo, exercitando seu corpo e depois compreendê-lo, chegando ao conhecimento. Conforme Jaeger (1989):

“Fica esclarecido a condição de estratégia do jogo face à aprendizagem e, neste sentido, ela é uma forma de materializar situações para as passagens de conceitos educacionais. Somando isso, o jogo seria o elemento de prazer que levaria, ao mesmo tempo, a criança a ser motivada para a aprendizagem. Platão salienta ainda mais que o desinteresse natural da criança para o aprendizado não deve ser combatido pela coação – castigos -, mas pelo jogo, pelo prazer.” (Jaeger, 1989, p.687 apud Vasconcelos, 2003, p.18).

Soares (2016) explica o contraste presente na consciência fonológica quando na dificuldade das crianças em isolar e identificar as palavras como unidades sonoras da fala, ao contrário do reconhecimento da palavra escrita quando isoladas do contexto oral, ou seja, apenas como palavras, não dissociando a palavra fonológica (significado) do seu referente (significante). Muitas crianças tem o costume de confundir que a palavra escrita deve ser proporcional ao tamanho do seu correspondente (Realismo Nominal). Trabalhamos a consciência fonológica e aprendizagem da língua escrita, por meio da oralização pelas crianças quanto às palavras escolhidas para associar aos brinquedos. Assim como também, optamos por apresenta-los brinquedos de tamanhos semelhantes, para evitar o realismo nominal. Assim, conforme Carraher e Rego (1981, p.10 apud Soares, 2016, p. 176) “as crianças que progrediram na aprendizagem da leitura revelavam a capacidade de focalizar o significante como o aspecto do signo linguístico que está representado na grafia, compreendendo assim, a relação entre a escrita e a fala”. Posteriormente, os grupos foram divididos em duplas para realização do Jogo da memória, de forma a consolidar a aprendizagem trabalhada na dinâmica anterior, através da formação dos pares por meio da imagem do brinquedo com sua forma escrita, de modo



que se apropriassem da escrita daquela palavra e refletissem sua sonoridade através da oralização, visualizando também sua correspondência por meio da imagem. Foi satisfatório ver a interação nas jogadas, suas expectativas em encontrar os pares, ou quando no erro, na descoberta e reconhecimento da escrita daquela palavra, de modo que nas tentativas seguintes, assimilaram os pares corretos. Quanto à estratégia das atividades organizadas em duplas, Morais (2003) explica que nas situações novas para uma turma, é interessante que as atividades sejam realizadas coletivamente para que se obtenha um trabalho mais produtivo durante a interação para resolução do problema proposto. “No mais, optamos geralmente pelo trabalho em duplas ou em pequenos grupos, com base na premissa de que a interação propulsiona o debate, o conflito e a cooperação”. (MORAIS, 2003, p. 75).

Fizemos uso do gênero Poema com a utilização de alguns que tratavam sobre brinquedos, selecionados da 2ª Edição do livro Baú de Brinquedos de Edmilson Lima, e ampliados em cartazes. Solicitamos voluntários para realizar a leitura de cada um dos poemas e percebemos que mesmo os que tinham maiores dificuldades na leitura, conseguiram identificar na oralização do texto escrito as palavras que descreviam brinquedos e suas referentes. Quando cada um deles finalizava sua leitura, fazíamos uma leitura coletiva em voz alta, questionando-os quanto à identificação da repetição nos sons das palavras, explicando que esta era uma característica do gênero textual poema, e solicitamos que eles identificassem essa repetição através da realização de círculos ao redor dessas palavras, cuja maioria de suas sinalizações era nas terminações das semelhanças escritas que as palavras tinham. Pedimos então para que oralizassem aquelas palavras, de modo que refletissem o som, e o percebessem como semelhança além da escrita, sistematizando as rimas e as aliterações. Soares (2016) afirma que:

“Rimas e aliterações representam, pois, um nível de sensibilidade fonológica que, se desenvolvido, pode trazer efeitos significativos para o processo de alfabetização: levam a criança a dirigir a atenção para a cadeia sonora das palavras, dissociando-as do significado colaborando assim para a superação do realismo nominal; atividades que podem levar a criança a perceber a possibilidade de segmentação das palavras; finalmente, atividades que levem a criança a confrontar rimas e aliterações com sua representação escrita podem introduzir a compreensão da relação entre sons e os grafemas que os representam, ou seja, a compreensão do princípio alfabético”. (SOARES, 2016, p.184).



Demos continuidade aos gêneros textuais possibilitando às crianças a experiência de entrevistador quando na realização de entrevistas com professores e demais profissionais da escola, questionando-os sobre os brinquedos e brincadeiras que mais gostavam quando crianças. As informações coletadas foram registradas em seus cadernos, junto a desenhos ilustrados pelos próprios entrevistados quanto à recordação dessa época. Através do acompanhamento dessa atividade, percebemos a sistematização dos conhecimentos das crianças em um ótimo desempenho na escrita da descrição dos brinquedos e brincadeiras, dos quais se apropriaram durante as práticas dos exercícios anteriores. Assim como também, no desenvolvimento da autonomia na postura de entrevistador interagindo com a comunidade escolar através dos relatos de recordações que surpreenderam as crianças. Na sequência das aulas, foram distribuídas revistas e jornais entre a turma, para uma pesquisa em que deveriam buscar e recortar nesses meios, exemplos de brinquedos e brincadeiras, assim como também, propagandas e anúncios com esses elementos. Os recortes dos brinquedos e brincadeiras, junto aos desenhos coletados nas entrevistas foram utilizados de forma comparativa para a elaboração do cartaz das gerações, explicitando numa linha do tempo, a diversidade da transformação que o brincar teve ao longo dos anos, em que as crianças puderam concretizar o conhecimento sobre as práticas de gerações anteriores, junto às atuais. Já os recortes dos anúncios simbolizaram a persuasão midiática quanto à aquisição de bens de consumo (brinquedos), que poderia ser reduzida através da alternativa na produção de brinquedos recicláveis, uma atitude de combate à poluição ambiental e a colaboração da preservação da natureza.

Quando na abordagem do “Brincando Coletivamente”, traçamos um quadro comparativo dos brinquedos e brincadeiras que as crianças citaram ser de menino e de menina, na busca por utilizar seus conhecimentos prévios para uma problematização futura após a dinâmica da Caixa Surpresa. Na roda de conversa, realizamos uma brincadeira de adivinhação por meio da Caixa Surpresa, em que com os olhos vendados, as crianças deveriam retirar um brinquedo de dentro da caixa e tentar identificá-lo por meio dos outros sentidos. As crianças se divertiram com a manipulação dos brinquedos, tanto através do tato, como da audição, nos exemplos da descoberta do chocalho e da caixa de música. Após essa dinâmica, sistematizamos a discussão tratada no quadro sobre a segregação do uso dos brinquedos através da proposta de que todas as crianças



pu dessem brincar com os materiais retirados da caixa surpresa, ampliando a possibilidade de todos quanto a um brincar sem rótulos, fazendo uso de sua imaginação. Ferrarini (2018) trabalha o respeito às diferenças e o estímulo ao espírito de coletividade como fundamentais no ambiente escolar. De modo em que devem ser reconhecidas simultaneamente, as características de igualdade e diferenças presentes no ser humano, sendo a escola um dos principais ambientes em que precisa-se trabalhar com essa perspectiva. Apesar de ser um desafio, é na escola que se tem a oportunidade de percepção e reflexão quanto às diferenças na diversidade da sua comunidade, cuja convivência acontece diariamente, principalmente entre colegas de uma mesma turma. “Por meio da educação, é possível alinhar propostas, ações e iniciativas para o convívio harmônico, independentemente de suas escolhas”. (FERRARINI, 2018, p.54). Portanto, nas salas de aula é preciso se trabalhar com a humanização ao combater a discriminação. Enfatiza-se a Constituição brasileira na previsão da legislação quanto à oferta do bem estar de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade, ou qualquer outra forma que possa gerar discriminação. Diante disso, é necessário que a escola reflita sobre sua responsabilidade de conduzir essas práticas no seu ensino, de modo que junto a seus educadores promovam o respeito às diferenças e a convivência com a pluralidade. Conforme Ferrarini (2018): “As melhores práticas surgem de vivências simples como filmes, peças teatrais, personagens da literatura infantil, brincadeiras de integração, dinâmicas de grupo, entre outros. Essas podem trazer mensagens sobre uma série de questões e favorecer a conscientização das crianças e o convívio coletivo sem qualquer tipo de discriminação” (FERRARINI, 2018, p.54-55). Retomamos com o trabalho de jogos, sendo ele o jogo Batalha das Sílabas, uma adaptação do Jogo Batalha Naval, cujo objetivo consiste na formação de palavras (embarcações) por meio de recortes orais na combinação da escolha de letras e números, cujas tentativas poderiam resultar em sílabas, “bombas” ou “disparadas n’água”. Confeccionamos o jogo com o uso de material reciclável, sendo eles uma bandeja de ovos (base) e tampinhas de garrafa PET (opções para as tentativas). Ao final das combinações de sílabas, há uma peça com a imagem correspondente, algo que contribuiu para as crianças assimilarem melhor o jogo e entender que as peças próximas indicariam a sua referência, consolidando uma consciência silábica por meio da identificação. Assim, as crianças pudessem refletir quanto à formação das palavras, que quando segregadas apresentam uma cadeia sonora



para cada fragmento. Quando na revelação da sílaba, resultante da combinação que cada participante fazia no jogo, era feita sua oralização, gerando suposições sobre as demais sílabas necessárias para a formação completa da palavra. Acontecendo desta forma: “a consciência fonológica e aprendizagem da escuta a partir do período de fonetização da escrita, ou seja, a partir do momento em que a criança adquire a habilidade de segmentação silábica e relaciona o som da sílaba com uma representação gráfica” (SOARES, 2016, p.187).

Para a terceira abordagem “Sustentabilidade do Brincar”, buscamos refletir sobre a identidade social na perspectiva de articulação com a temática ambiental. Para a temática sobre cidadania, dialogamos com a turma sobre o que consideravam ser criança, e a maioria respondeu que criança era brincar e se divertir, outros disseram que criança era alguém que precisava de cuidados. A partir daí, estimulamos sua participação por meio do questionamento de quais seriam esses cuidados, os quais eles responderam como sendo as responsabilidades que só os adultos podiam assumir para cuidar das crianças. Isso nos permitiu contextualizar a apresentação dos Direitos das Crianças, assegurados pela legislação, tais como o ECA, sendo dever da sociedade respeitá-lo e fazer com que seja exercido, e quais os deveres que também devem ser cumpridos. Posteriormente, realizamos uma apresentação com imagens semelhante ao jogo dos “7 erros” comparando a forma como eram tratadas as crianças de antigamente, e de como são atualmente, exemplificando suas vestes, seus comportamentos, e sua rotina escolar (farda, material escolar, salas, metodologia dos professores), através de ilustrações da divisão das salas separadas para meninos e outra para meninas, o fardamento semelhante ao vestuário de um adulto, assim como o material escolar, que se modernizou acompanhando as transformações do espaço que as crianças conquistaram ao longo do tempo. Calissi e Silveira (2012) apresentam o Estatuto da Criança e do Adolescente como uma conquista da cultura dos Direitos Humanos, ao considerar as crianças e adolescentes como também sujeitos de direitos, afirmando que:

“O Estatuto expressa uma nítida superação de uma concepção de psicologia do desenvolvimento humano e de educação, amplamente criticada e superada epistemologicamente, que via crianças e adolescentes como miniaturas de adultos, a serem moldadas autoritariamente. E, concretiza a instauração de uma outra concepção psicopedagógica reconhecendo as especificidades desses sujeitos – criança e adolescente e de seu



desenvolvimento, diferenciados do desenvolvimento de um adulto na maturidade, por sua vez, diferenciados de uma pessoa idosa”. (CALISSI; SILVEIRA, 2012, p.13).

Dentre as transformações ocorridas ao longo do tempo, destacamos o respeito à sua condição como criança, resultado das conquistas representadas no estabelecimento de seus direitos, mediante as suas características físicas e psicológicas, ofertando espaço para expressarem seus sentimentos. Sendo sua proteção estabelecida por lei, como no regimento do ECA, apresentamos cartazes com a descrição e ilustração desses direitos para uma melhor compreensão, destacando o direito à educação e ao lazer. Posteriormente, pedimos que a partir desses cartazes as crianças escolhessem um dentre aqueles direitos, registrando em seu caderno a escrita e ilustrações do que consideraram mais importante. Como resultado, pudemos perceber que além do brincar, amor e proteção foram as representações mais frequentes, refletindo a valorização da afetividade e a busca por um ambiente em que possam se sentir seguras. Calissi e Silveira (2012) trabalham na divulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente como “instrumento que possibilita socializar as pessoas segundo direitos e deveres que constituem o cerne da formação para a cidadania”. (CALISSI; SILVEIRA, 2013, p.14). Introduzimos sobre o conteúdo de Meio Ambiente por meio do questionamento da quantidade de lixo produzido por nós diariamente, e de quanto é importante o exercício da sustentabilidade no contexto ambiental por meio do cuidado e preservação do planeta. Ressaltamos assim, a prática educativa da regra dos 3 erres “R” (Reduzir, Reciclar e Reutilizar) buscado impulsionar a ludicidade através do incentivo na produção de brinquedos com o uso de materiais recicláveis. Para dar início a atividade, propusemos uma campanha de preservação ambiental através da confecção de um cartaz, que foi dividido em duas partes, numa delas houve colagem de imagens com espaços públicos, privados e ambientes naturais poluídos, e na outra parte eles fixaram itens recicláveis tais como garrafas PET, rolos de papel toalha/higiênico, e papelão, de modo a mostrar a possibilidade da reciclagem dos mesmos. Prosseguimos com a realização da oficina na produção dos brinquedos, fornecendo-lhes amostras do mesmo material reciclável utilizado no cartaz, junto a materiais de decoração, orientando-os e auxiliando com os procedimentos, para que pudessem perceber e refletir que aquela prática também poderia ser realizada fora da escola. Ao final, as crianças puderam brincar com suas produções, afirmando que iriam prosseguir com a prática em seus lares. Na fase inicial de sua pesquisa, Piaget trata do

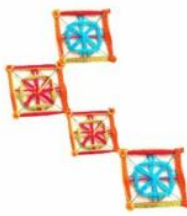


jogo simbólico representando o objeto na sua ausência, ao exemplificar a significação dada pela criança ao brincar com um prato como se fosse um carro, e tratar a piscina como o mar. Explicando que essa atitude demonstra na criança um distanciamento do objeto “enquanto só e apenas materialidade, criando representações mentais arbitrárias por puro prazer de dizer ou de apresentar “como se fosse””. (VASCONCELOS, 2003, p.60).

Para a quarta abordagem foi feita uma culminância através de uma exposição no pátio, onde as crianças apresentaram o resultado de todas as atividades realizadas durante as abordagens. A proposta consistiu no estímulo do desenvolvimento das habilidades expressivas e discussões argumentativas diante de sua autonomia e criticidade na apresentação do resultado de suas produções, permitindo a turma refletir sobre sua participação na construção e divulgação dos seus conhecimentos quanto a aprendizagem durante as práticas da nossa sequência didática. “Quando são estimuladas a verbalizar com seu linguajar os conhecimentos ortográficos que vão internalizando, as crianças vão tomando consciência do que estão pensando sobre as relações letra-som, quando escrevem”. (MORAIS, 2003, p.73-74). Na culminância, ao retomar todos os conceitos nas exposições das atividades, pudemos corroborar com Vasconcelos (2003) que enfatiza o ato do brincar, como uma significativa ferramenta de análise da aprendizagem que se desenvolve por meio desse processo, explicando assim, que “[...] o jogo infantil se constitui por matizes de uma ação do sujeito, que se embrenha em esquemas lúdicos, ora do exercício motor, ora da criação simbólica, ora da representação, ora com o pacto regrado” (VASCONCELOS, 2003, p.27).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação nessas regências representou uma oportunidade enriquecedora e gratificante quando na proposta da articulação entre cidadania e o brincar. Conforme Vasconcelos (2003), o desenvolvimento cognitivo é adquirido por meio do jogo como algo pertencente a todo desenvolvimento humano, não se limitando a fase da infância, citando assim, o posicionamento de Gross em: “o jogo projeta a perspectiva de compreender a infância como uma modalidade de vida, alinhando formas de comportamento como verdadeiro pré-exercício a condutas futuras, através de experimentações ou de exercitações” (VASCONCELOS, 2003, p. 36). Enfatizamos nesta pesquisa a perspectiva de uma progressiva formação cidadã sem restrições de uma



concepção temporária ou como cumprimento de determinações legislativas. Sendo assim, o incentivo ao exercício da educação por meio do ensino - aprendizagem na preparação para o futuro, com o aproveitamento presente através de estratégias com brincadeiras. De tal modo, que cada aluno ao transmitir seus valores e agir com cidadania no seu convívio em sociedade, possa transformar sua realidade na perspectiva de melhorias que combatam preconceitos, que promovam condições de equidade, que façam a diferença no processo histórico do qual estão inseridos, e que também participam da construção por meio de suas atitudes e dos fatos que permeiam suas vivências, sem perder sua essência de criança. Portanto, é importante que desfrutem de sua infância através das brincadeiras, estas que também possuem potencialidade de atuar como estratégia em ações educativas no ensino aprendizagem. Desta forma, haverá uma formação com sujeitos participantes em diferentes conceitos na Multidisciplinaridade institucional.

REFERÊNCIAS

CAINELLI, M. A escrita da História e os conteúdos ensinados na disciplina de História no Ensino Fundamental. **Educação e Filosofia Uberlândia**, Uberlândia, v.26, n.51, p. 163-184, jan-jun. 2012. Disponível em:
<<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/download/7666/9694>>.
Acesso em: 18 jul. 2020.

CALISSI, L.; SILVEIRA, R. **O ECA nas Escolas: Perspectivas Interdisciplinares**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

FERRARINI, M. Transformando. Curitiba: **Revista Pimpão**, v.4, 2018.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: **UEC**, 2002. Apostila.

LIMA, E. **O Baú de Brinquedos**. 2 ed. Recife: Bagaço, 2008.

MORAIS, Arthur. **Ortografia: ensinar e aprender**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

RUSEN, Jom. **Razão Histórica: teoria da história: fundamentos da ciência Histórica**. Editora Universidade de Brasília, 2001.

SGARBI, N.M. F. de Q. Os eventos da oralidade no ensino da língua português. **Revista Trama**, v.4, n.7, p. 167-175, 2008.

SOARES, M. **A alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

VASCONCELOS, P. **O Jogo e Piaget**. São Paulo: Editora Didática, 2003.